



RELATO DE EXPERIÊNCIA: A BIBLIOTECA COMO UM AMBIENTE DE LETRAMENTO CRÍTICO E INTERCULTURAL¹

ALVES, Ana Beatriz Silva²

¹ Este artigo é resultado de um relato de experiência.

² Graduanda de Licenciatura em Linguagem da Faculdade Sesi de Educação
ana.alves73@faculdadesesi.edu.br

RESUMO

O espaço alfabetizador pode ser compreendido como a presença de livros, textos digitais, jornais, recursos visuais etc e das práticas sociais e culturais de leitura e de escrita mediadas por esses materiais. A biblioteca da escola Sesi A.E Carvalho foi além e levou o ambiente alfabetizador para toda a unidade por meio de murais de literatura e de estantes de livros, que são trocados periodicamente e estão dispostos em espaços de espera ou descanso para estudantes e funcionários. É fato a relevância de uma biblioteca escolar, ainda mais quando levamos em consideração a sua contribuição para o corpo escolar e a sua potência para o desenvolvimento das competências linguísticas e cognitivas dos estudantes, sendo um espaço que promove o acesso à cultura e à informação, ampliando o conhecimento dos estudantes em diversas áreas. Este relato de experiência tem o objetivo de apresentar a potência da biblioteca como ambiente alfabetizador e de formação de pensamento crítico, por meio da narração de uma vivência como estagiária (Programa Passaporte Futuro Professor – Faculdade Sesi de Educação) no Sesi A.E Carvalho, enquanto auxiliar da biblioteca escolar, com o recorte para a Semana do Livro e da Biblioteca (SELIBI) 2024, destacando a preparação e a prática colaborativa da unidade escolar. O que se intenta aqui é evidenciar o funcionamento de um processo didático e de multiletramento, como alternativa didática de excelência para uma formação intercultural na educação básica. Os resultados demonstram a contribuição positiva do diálogo intercultural no ambiente da biblioteca escolar, que promove o autoconhecimento e o conhecimento e respeito do outro. A base teórica consultada para o desenvolvimento deste trabalho inclui, dentre outros, Freire (1997), Cosson (2006), Forneiro (1998), Moreira (2007).

Palavras-chave: Biblioteca escolar; Letramento literário; Interculturalidade.

INTRODUÇÃO

A etimologia da palavra biblioteca tem sua origem no grego antigo - *bibliothéke*, e é resultado da junção de duas palavras: *biblion* (livro) e *théke* (caixa/depósito). Isso revela o sentido original do termo, tendo uma função de armazenamento, mas que com o passar dos anos foi ressignificado e atribuídas novas possibilidades de compreensão e práticas dentro deste ambiente.

Nos primórdios do desenvolvimento da sociedade e do homem, especificamente na Antiguidade, as bibliotecas foram muito importantes para a preservação da memória, pois foi pelo desejo de armazenar informação que se desenvolveram novas formas de biblioteca. Naquele período as bibliotecas tinham em seus acervos materiais como tabletes de argila, rolos de papiro ou de pergaminhos. O acesso a esses materiais era restrito à elite letrada (filósofos, matemáticos, astrônomos e nobres) o que revela que a concepção desse ambiente na época era meramente a de depósito, com a finalidade de armazenar e privar os seus produtos das classes populares, como é possível atestar no caso da Biblioteca de Alexandria. Os romanos tiveram um papel importante convivendo com dois tipos de bibliotecas: as particulares e as públicas, sendo estas consideradas as primeiras bibliotecas públicas da história. Elas surgem com o intuito de superar as de Alexandria, fazendo com que os livros e suas coleções, em sua maioria, ficassem acessíveis à população.

Dando um salto para a Idade Média, que embora tenha voltado à norma do exclusivismo, tendo o acesso concedido apenas para o alto clero e a Igreja, já era possível identificar três espécies diferentes de biblioteca: bibliotecas monacais (desenvolvidas dentro de mosteiros tinham a função de depósito, onde se armazenava toda a produção desenvolvida pelos monges e algumas literaturas); bibliotecas particulares (tinham o propósito de mostrar poder e riqueza perante os mais nobres, a sua localização era restrita às grandes casas e palácios); bibliotecas das universidades (com o avanço da ciência, as bibliotecas universitárias, se desvinculam do controle religioso, e passam a ter prédios distintos por área do conhecimento, passando de depósito a mediadora de informação).

Já na modernidade e contemporaneidade, as bibliotecas passam a ser reconhecidas como um fator importante para o desenvolvimento e transformação social, e são concebidas com características como democratização, socialização e laicização. Atualmente, seu propósito é o de tornar acessível a informação a qualquer pessoa, de qualquer classe econômica. Além disso, existem distinções entre as suas funções/público e são denominadas, geralmente, por: Biblioteca Nacional, Biblioteca pública, Biblioteca particular, Biblioteca escolar, Biblioteca infantil, Biblioteca universitária, Biblioteca comunitária, Biblioteca especializada, Biblioteca digital e Biblioteca híbrida (recursos impressos e digitais).

Com isso, o objetivo deste artigo (que tem origem em um trabalho de observação que se constituiu em um Relato de Experiência) é analisar a biblioteca escolar e como ela pode contribuir para a formação do pensamento crítico sendo um ambiente alfabetizador, visto que, embora a visão de biblioteca já tenha sido atualizada, algumas instituições escolares ainda insistem em vê-la como depósito de livros, quando na verdade, pode ser um ambiente de experiências significativas.

O trabalho está organizado da seguinte forma: uma primeira seção, na qual compreenderemos a definição dos conceitos: ambiente alfabetizador, letramento literário e pensamento crítico; uma segunda seção, que vai tratar de analisar o diálogo intercultural e a sua relevância; uma seção final, que vai procurar analisar como a biblioteca expande a interculturalidade. Além disso, será evidenciado o funcionamento de um processo didático e de multiletramento através de uma experiência vivida – SELIBI 2024 (Semana do Livro e da

Biblioteca – evento institucional da Rede Escolar) enquanto auxiliar da biblioteca da unidade SESI 415 - A.E Carvalho (SP).

ALGUNS CONCEITOS

O ambiente alfabetizador pode ser definido como um ambiente favorável às práticas de leitura e escrita, que possibilite não apenas o contato com materiais, mas também, a interação social. O ambiente engloba o espaço físico e as relações que ocorrem nele, conforme descreve Forneiro (1998):

(...) um todo indissociável de objetos, odores, formas, cores, sons e pessoas que habitam e se relacionam dentro de uma estrutura física determinada que contém tudo e que, ao mesmo tempo, é contida por todos esses elementos que pulsam dentro dele como se tivessem vida. Por isso, dizemos que o ambiente “fala”, transmite-nos sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferente (FORNEIRO, 1998, p.233).

Nesse viés, para que esta ação alfabetizadora se realize é necessário e indispensável que o aluno tenha contato com os mais diversos materiais, sejam palavras, imagens ou peças lúdicas escolhidas pelo docente ou até mesmo criados pelas mãos desses alunos, o mais importante é que tenham significado a ele, estimulem a curiosidade e o prazer pela leitura e escrita. É preciso frisar que o ambiente alfabetizador não é uma mera decoração feita pelo docente, ou canto de leitura; o aluno precisa estar inserido: realizar atividades, reconhecer suas contribuições para este ambiente e atribuir significado, ter contato com experiências que estimulam os sentidos com cores, sons, aromas, sabores, texturas, além de estabelecer relações dentro desse espaço.

Dessa mesma forma, Moreira (2007) afirma que o ambiente escolar de aprendizagem é um espaço planejado com antecedência para oferecer oportunidades de aprendizado. Ele se forma de maneira singular, pois é construído socialmente por professores e alunos por meio das interações que mantêm entre si e com os diversos recursos materiais e simbólicos presentes nesse contexto.

Este ambiente alfabetizador é potencializado quando existe um planejamento de letramento literário. Este conceito é cunhado pelo professor e escritor Rildo Cosson em sua obra *Letramento literário: teoria e prática* (2006) que se volta à formação de leitores capazes de compreender, interpretar e valorizar os textos literários; o letramento literário propõe uma vivência com a literatura como forma de conhecimento e prática social, proporcionando ao leitor uma experiência reflexiva e transformadora, capaz de desenvolver o pensamento crítico, é a construção literária de sentido “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2006, p. 17).

Na obra *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire (1997) o autor discorre, dentre tantas coisas, acerca da denúncia do ensino bancário que tem por finalidade a transferência de conhecimentos, o que resulta na formação de seres limitados criativamente, sem senso crítico e que não reconhecem a sua autonomia durante o processo escolar. O autor defende que o ensino deve ser democrático, com educadores e educandos em um processo contínuo de troca de conhecimentos, pois “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1997, p. 25). O professor deve promover a passagem da consciência ingênua à consciência crítica, incentivar a curiosidade e reflexão. Isso corrobora o conceito de letramento literário, pois compreende que a relação e interação no ambiente escolar são indispensáveis,

sem as quais, o que ocorre não é o letramento (processo de apropriação da literatura enquanto linguagem, havendo a construção de sentidos) mas sim a leitura (capaz de decifrar e compreender os signos da escrita).

Portanto, para que a biblioteca se torne esse ambiente alfabetizador e de letramento literário, é necessário haver um planejamento da equipe pedagógica que discuta tudo o que envolve o processo: a definição do objeto a ser trabalhado, quais os caminhos que serão trilhados, a abertura de oportunidades para a produção e contribuição dos alunos; enfim, tudo pensado para o desenvolvimento integral, possibilitando a vivência com a literatura como forma de conhecimento, formando seres críticos e reconhecedores da função social da literatura em diferentes contextos, além dos muros da escola.

DIÁLOGO INTERCULTURAL

O surgimento da globalização em meados do século XV com as Grandes Navegações, possibilitou que diferentes países e culturas entrassem em contato, essencialmente por interesses comerciais. Esse processo foi intensificado pelos diversos estágios da Revolução Industrial e mais recentemente pelos avanços tecnológicos e pela internet, que facilitaram a comunicação e a inclusão de regiões isoladas.

Este contato entre diferentes nacionalidades e culturas, sobretudo quando o desconhecimento e a ignorância em relação ao outro prevalecem, fez emergir tensões, conflitos e violência. O diálogo intercultural surge como um possível caminho de combate a esse “choque entre civilizações”, permitindo que se construa uma ponte de empatia e solidariedade, a fim de que seja possível enxergar, valorizar e respeitar o outro e suas diferenças. “O diálogo constitui uma alternativa ao fundamentalismo e ao integrismo cultural, religioso e étnico. É um antídoto contra a ideologia do ‘choque’ ou o confronto entre culturas” (TAMAYO, 2019, 132).

Portanto, a chave para um diálogo intercultural eficaz está no reconhecimento da dignidade igualitária entre todos os envolvidos. Isso implica respeitar e valorizar as diferentes formas de conhecimento, seus modos de expressão, bem como os costumes e tradições de cada grupo. Além disso, é fundamental criar um ambiente culturalmente neutro, que favoreça o diálogo e permita que as comunidades se expressem com liberdade.

Voltando ao olhar para a biblioteca escolar (que tem caráter primordialmente pedagógico, cultural e formativo) considerando-a como um ambiente alfabetizador, um espaço onde é possível a interação com a literatura e com os aspectos sociais, e que através desse contato promove o pensamento crítico, é lícito enxergar a potência desse espaço por meio da promoção de práticas emancipadoras. Quando estas se abrem ao diálogo intercultural permitem que a sua prática e função seja enriquecida e contribua para que os seus frequentadores aprendam a conhecer melhor os outros e a si mesmos, possibilitando o desenvolvimento de competências que se aproximam de um paradigma socioeducativo mais humanista, expandindo também a interculturalidade. Para que isso seja concretizado no ambiente da biblioteca escolar, os planos/projetos de ensino devem ser fundados na multiplicidade de pontos de vista e inspirados em histórias e culturas de diferentes grupos da sociedade.

BIBLIOTECA E INTERCULTURALIDADE NA PRÁTICA

Este relato de experiência tem sua natureza na observação da implementação de uma ação pedagógica para o evento SELIBI – 2024, na escola Sesi A.E Carvalho situada no bairro Itaquera (zona leste da capital de São Paulo) na qual atuamos como auxiliar de biblioteca durante o Programa Passaporte Futuro Professor promovido pela Faculdade Sesi de Educação.

A SELIBI (Semana do Livro e da Biblioteca) é um evento institucional anual realizado pelas bibliotecas da Rede Escolar SESI-SP, que celebra a leitura e a cultura, homenageando também autores do universo literário, cartunistas e outras figuras que se destaquem no âmbito cultural.

Em 2024, a homenageada foi a professora e primeira escritora indígena do Brasil – Eliane Potiguara. A autora se formou em Letras e Educação pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e se especializou em Educação ambiental pela UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto). Em dezembro de 2021, recebeu o título de doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, o primeiro concedido a uma indígena. Esta escolha da rede foi muito simbólica, pois abriu espaço para a produção literária de uma mulher indígena e ainda para que os discentes tomassem conhecimento do contexto que envolve a escrita de Eliane e pudessem também se apropriar de aspectos da causa indígena e de sua relevância.

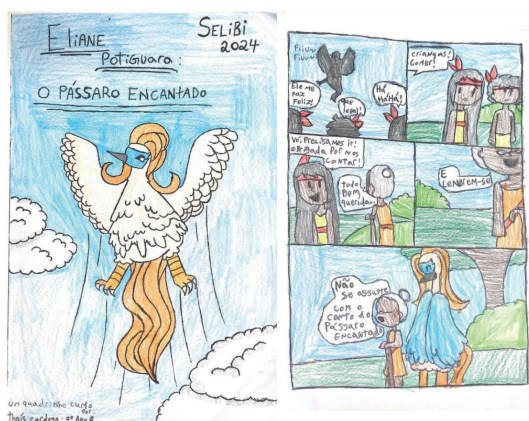
Os professores da rede SESI têm a orientação de juntamente com o bibliotecário da escola, pensarem na melhor forma de apresentar o autor homenageado e de propor produções realizadas pelos alunos. Na edição mencionada, o plano incluía a colaboração das professoras do Fundamental 1 com a leitura do livro *A cura da terra* e produções de ilustrações e poesias por parte dos alunos; além disso, a bibliotecária realizava mediações literárias (rodas de conversas, exibição de curta metragem).

Para o fundamental 2, cada turma tinha um encontro na biblioteca, no qual a responsável apresentava a autora e promovia um diálogo com as turmas sobre as causas indígenas defendidas por ela e as possibilidades de produções que os alunos poderiam desenvolver, tais como: charge, HQ, poema, colagem etc., sendo que ficaria a cargo dos professores de Língua Portuguesa e da turma decidirem o que seria produzido.

Além disso, os estagiários também colaboraram com a curadoria e a construção de uma estante reservada à literatura indígena, e com uma decoração temática que continha grafismos indígenas e curiosidades sobre a autora no corredor rente à biblioteca, que foi enriquecida com as produções dos alunos, colaborando com o objetivo do evento de tornar a biblioteca o centro das atenções naquele período, rompendo as quatro paredes para que os alunos entendessem o movimento em torno de um objeto tão especial como o livro, e pudessem se sentir participantes da construção do espaço.

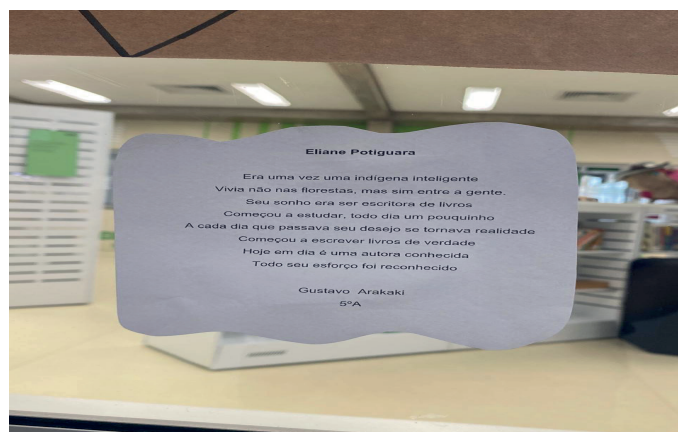
A seguir, alguns registros de produções desenvolvidas no evento: poemas, ilustrações, mediações e a releitura do livro *A cura da Terra* de Eliane Potiguara em formato de quadrinhos, produzido por uma aluna com TEA (Transtorno do Espectro Autista) do 9º ano, que embora não fosse a produção estabelecida para a turma em que ela se encontrava, foi considerada como uma exceção, pela afinidade e habilidade da estudante com o gênero textual HQ.

Figura 1 - Releitura do livro em HQ



Fonte: Autoria própria - agosto de 2024

Figura 2 - Poema autoral aluno 5º ano



Fonte: Autoria própria - agosto de 2024.

Figura 3 - Decoração e ilustrações dos alunos



Fonte: Autoria própria - agosto de 2024.

Estes registros revelam a autoria e participação efetiva dos estudantes, ainda que por um curto período de tempo, em um diálogo intercultural promovido pela rede e equipe escolar. Por meio do planejamento coletivo concebido, foi possibilitado aos discentes vivenciar e ter algum contato com a cultura do outro, de modo a reconhecer e a estabelecer conexões de mundo, experienciando aspectos de consciência crítica. Além de ter acesso à obra e ao estilo da autora celebrada, também foi possível aos estudantes conhecer um pouco mais acerca dos desafios enfrentados pelos povos originários do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível concluir que a biblioteca deve ser redimensionada para muito além da função original de depósito de livros, tornando-se um espaço de experiências significativas com a leitura e a literatura. A valorização do ambiente bibliotecário contribui para a formação de leitores críticos, criativos e sensíveis, e deve ser um compromisso de toda a comunidade escolar. Pensar no envolvimento do diálogo intercultural na escola exige, portanto, uma definição de planos de comunicação e/ou formação intercultural, que devem estar

integrados no plano de Gestão da Escola.

A escola e a biblioteca são os principais núcleos de pesquisa e acesso à informação que muitas crianças e jovens podem ter durante uma vida inteira, e por isso, devem estar conectadas permanentemente aos assuntos que permeiam a realidade e abrir espaço para que eles sejam discutidos e debatidos nos ambientes que compõem a instituição de ensino. É por meio dos livros e dos conhecimentos adquiridos durante a formação escolar que o estudante consolida o saber e a construção da sua identidade e visão de mundo, daí a importância do contato, respeito e valorização do diferente desde cedo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

FORNEIRO, Lina Iglesias. A organização dos espaços na educação infantil. In: ZABALDA, Miguel A. Qualidade em Educação Infantil. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo : Paz e Terra, 1997.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. O processo de alfabetização escolar: revendo algumas questões. Perspectiva, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 449-479, dez. 2006.

MOREIRA, Adelson F. Ambientes de Aprendizagem no Ensino de Ciência e Tecnologia. Belo Horizonte: CETEF-MG, 2007.

PAIVA, Maria Júlia de. Biblioteca escolar: o processo de alfabetização e letramento. 2025. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/46194>
Acesso em: setembro 2025.

TAMAYO, J. (2019). “Apologia do diálogo perante os fundamentalismos”. In B. Santos & B. Martins (eds.). O Pluriverso dos Direitos Humanos: A Diversidade das Lutas pela Dignidade (121-144). Lisboa: Edições 70.

UNESCO. Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural. Relatório Mundial da UNESCO, [s. l.], 2009.